



PLANEJAMENTO E AVALIAÇÃO: UMA VEREDA NECESSÁRIA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Jackelline Freire da Costa ¹

RESUMO

A escola é um espaço plural, com alunos em suas múltiplas dimensões. A segunda etapa da educação básica é de extrema importância na construção do conhecimento, pois o insucesso em suas séries iniciais leva à evasão e ao fracasso escolar. Muito do que os professores exercem em suas práticas é fruto de longos anos de suas experiências, na maioria das vezes sem aprofundamento teórico. Nesse sentido o planejamento e a avaliação servem como pilares norteadores do processo educativo. Diante do exposto este artigo tem como objetivo analisar o planejamento e a avaliação e os seus impactos no processo de ensino-aprendizagem. A metodologia consistiu de pesquisa exploratória e explicativa com abordagem qualitativa. O procedimento utilizado foi estudo de caso, para a coleta de dados foi usado um questionário com perguntas abertas aplicado a cinco professoras do Ensino Fundamental I de uma instituição municipal do interior paraibano. Para aprofundamento das análises utilizamos as contribuições de Libâneo (2006) discorrendo sobre a importância da didática na prática docente, Haydt (1997) enfatizando a concepção do professor motivador, mas que também planeja suas aulas e faz modificações quando necessário e para a garantia de uma práxis efetiva a avaliação deve ser contínua conforme assinala Hoffmann (2005); Luckesi (1978), entre outros. Os resultados obtidos revelam que as professoras planejam e avaliam as aulas de forma contínua, reconhecendo a importância de ambos os processos, embora ainda haja docentes com metodologias pouco exitosas.

Palavras-chave: Planejamento, Avaliação, Ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A didática defendida por Libâneo (1994) é primordial na formação dos professores, pois dirige toda a atividade do ensino, de modo a proporcionar a aprendizagem. Com os pressupostos da didática o professor cumpre o papel de motivador conforme assinala Haydt (1997). Acerca da avaliação Luckesi (2013); Hoffmann (2008) dialogam com a perspectiva de que a avaliação não é um fim em si mesma, serve para uma tomada de decisão. A respeito do processo de ensino-aprendizagem Piletti (2004) nos mostra que são mecanismos interdependentes, se o professor ou o aluno não cumpre seu papel o processo falha. Freire (1991;2000) ressalta que o professor se faz educador quando reflete sobre sua prática e percebe que ensinar não é transferir conhecimento, mas fazer com que o aluno crie seus mecanismos.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, jackellinefr@gmail.com;



A sala de aula é um cenário multifacetado e sabemos que os processos de aprendizagem não ocorrem do mesmo modo para todos os indivíduos, para envolver a todos de modo satisfatório o planejamento e a avaliação são imprescindíveis, principalmente nas séries iniciais da segunda etapa da educação básica. Diante do exposto este artigo busca analisar o planejamento e a avaliação e os seus impactos no processo de ensino-aprendizagem. Buscando compreender a avaliação das aulas, das atividades e o que tem sido feito para sanar as dificuldades dos alunos.

A pesquisa constituiu-se de um estudo de caso por meio de abordagem qualitativa, para coletar os dados utilizamos um questionário com perguntas abertas, aplicado a cinco professoras do Ensino Fundamental I, cada uma com mais de cinco anos de experiência de uma escola municipal do interior paraibano.

Desse modo, apesar das docentes fazerem o planejamento e avaliação de suas aulas, algumas nada fazem para reorganizar o processo educativo, os impactos no processo de ensino-aprendizagem são nítidos, alunos com dificuldades nas habilidades básicas de leitura, escrita e cálculo.

METODOLOGIA

Este artigo teve como enfoque a pesquisa exploratória por se tratar do “[...] desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado [...]” (GONSALVES, 2007, p. 67). E explicativa, pois, ainda segundo o autor buscam-se as fontes, as razões das coisas.

Utilizamos abordagem qualitativa, pois

Este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses [...] na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que “estimulem a compreensão” (GIL, 2007, p. 41).

Quanto ao procedimento de coleta foi realizado um estudo de caso, “tipo de pesquisa que privilegia um caso particular, uma unidade significativa, considerada suficiente para análise de um fenômeno [...]” (GONSALVES, 2007, p.69). Por acreditarmos trazer mais informações e medidas de soluções ao pesquisador e pesquisado.

Utilizando como instrumento o questionário com perguntas abertas, que segundo Gerhardt (2009) é instrumento adequado para testar as hipóteses’. A pesquisa foi realizada em



um município do interior paraibano, a instituição escolhida está localizada num bairro carente da zona urbana, a mesma tem 283 alunos matriculados, funcionando em três turnos, manhã e tarde com turmas do fundamental I e a noite com o ciclo 2 e 3 da EJA, com um total de 11 professores. Participaram da pesquisa 5 professoras do Ensino Fundamental I, ambas com mais de 5 anos de experiência.

PLANEJAMENTO E AVALIAÇÃO: CONCEITOS E REFLEXÕES

A didática é um importante elemento na profissão docente, mas são poucos os profissionais que possuem domínio de metodologias de ensino, muitos passam anos engendrados em aspectos que foram próprios de seus tempos escolares, sem pouco aprofundamento e objetivos claros sobre o processo de ensino-aprendizagem e suas salas de aulas, que são múltiplas e diferem entre si, outros não tiveram uma boa formação nesse sentido e preferem seguir os conselhos de seus anos de experiência, embora sejam importantes também se faz necessário conhecer sobre técnicas e métodos, pois vão surgindo necessidades e é preciso que se faça modificações quando forem pertinentes,

Nesse entendimento, a Didática se caracteriza como mediação entre as bases teórico-científicas da educação escolar e a prática docente. Ela opera como que uma ponte entre o “o quê” e o “como” do processo pedagógico escolar [...] em função disso, a Didática descreve e explica os nexos, relações e ligações entre o ensino e a aprendizagem (LIBÂNEO, 1994, p. 28).

As bases teórico-científicas e práticas, junto com os parâmetros do ensino compõem um arcabouço profissional, de forma que o professor reflita sobre sua prática e possa intervir nela.

No processo de ensino-aprendizagem, o diálogo é de suma importância, pois a partir das problematizações é que o aluno aprende, partindo daquilo que o educando já conhece, chegando a uma síntese, diante desse aspecto o professor,

Trata-se, portanto, de uma autoridade incentivadora e orientadora: é a autoridade de quem incentiva o aluno a continuar estudando e fazendo progressos na aprendizagem, e a autoridade de quem orienta o esforço do aluno no sentido de alcançar os objetivos por ambos desejados, visando a construção do conhecimento (HAYDT, 1997, p.48).

Para esta tarefa o professor precisa ser um motivador, de modo que seja uma autoridade, mas não seja autoritário, dando um direcionamento, escolhendo os conteúdos necessários para o desenvolvimento dos alunos, pois sabemos que a educação não é neutra.

Assim, para que o processo educativo seja efetivo é necessário que haja planejamento e avaliação. O primeiro é tido como,

[...] um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social. A escola, os professores e os alunos são integrantes da dinâmica das relações sociais: tudo que

acontece no meio escolar está atravessado por influências econômicas, políticas e culturais que caracterizam a sociedade de classes. Isso significa que os elementos do planejamento escolar – objetivos, conteúdos, métodos – estão recheados de implicações sociais, têm um significado genuinamente político (LIBÂNEO, 1994, p.222).

O professor precisa ter clareza sobre o que os alunos devem aprender, o tempo necessário, os meios, verificando se o objetivo pretendido foi alcançado, mais do que isso, não adianta apenas dominar o conteúdo se a forma de ensino não irá contribuir para a aprendizagem. Embora o professor planeje sua prática o centro desse processo é o aluno.

A prática docente tem que ser consciente e sistemática, o planejamento a direciona e a vincula ao contexto social. A escola apresenta um envoltório de questões sociais, portanto deve acolher debates sobre estas. Sendo essa a primeira função do planejamento, o docente deve avaliar quais posições reflexivas adotará, o controle do que será trabalhado, havendo coerência com os seus objetivos e flexibilidade.

De acordo com Farias (2009) o planejamento é uma ação reflexiva, viva e contínua, é o instrumento da lida docente, um ato decisório, político e ético, permeado pela revisão e avaliação,

A avaliação significa atribuir um valor ou qualidade a alguma coisa, ato ou curso de ação... que, por si, implica um posicionamento positivo ou negativo em relação ao objeto, ato ou curso de ação avaliado. Isso quer dizer que o ato de avaliar não se encerra na configuração do valor ou qualidade atribuídos ao objeto em questão, exigindo uma tomada de posição favorável ou desfavorável ao objeto de avaliação, com uma consequente decisão de ação (LUCKESI, 2013, p. 91).

Quando o professor faz um planejamento pretende alcançar um determinado objetivo, nesse contexto a avaliação serve para fornecer dados e resultados de uma atividade educativa e para orientar a própria práxis, a avaliação orienta um novo planejamento. Muitos professores tem uma visão errônea sobre avaliação, pois acreditam que avaliação é apenas atribuir uma nota na prova. A avaliação é, portanto, um processo amplo, pois em todo momento o docente estar refletindo.

A avaliação é uma “ação ampla que abrange o cotidiano do fazer pedagógico e cuja energia faz pulsar o planejamento, a proposta pedagógica e a relação entre todos os elementos da ação educativa” (HOFFMANN, 2008, p. 17). A avaliação é mediadora do processo de ensino-aprendizagem.

Ensinar e aprender são atividades interdependentes que perpassam gerações, em seu sentido etimológico ensinar significa, “(do latim signare) “colocar dentro, gravar no espírito”. De acordo com esse conceito, ensinar é gravar idéias na cabeça do aluno. Nesse caso, o método de ensino é o de marcar e tomar a lição” (PILETTI, 2004, p. 28).

Entretanto, na escola esse processo é sistematizado visando ao aluno a aquisição de conhecimentos necessários à sua formação crítica. Conforme Freire (2000) ensinar não é



transferir conhecimento mas criar mecanismos para que o aluno aprenda sozinho, criando seu próprio caminho.

A aprendizagem é “um processo de aquisição e assimilação, mais ou menos consciente, de novos padrões e novas formas de perceber, ser, pensar e agir” (PILETTI, 2004, p. 31). Embora seja vista como o processo de aprender algo, não se resume a este, é necessário adquirir conhecimento mas saber fazer uso deste, aplicá-lo na prática, contribuindo para a formação de uma nova consciência em suas múltiplas dimensões. A aprendizagem escolar é diferente do conhecimento informativo.

O professor não tem o poder de implantar a aprendizagem, mas pode criar situações favoráveis, percebendo de que forma certos mecanismos instigam os alunos, estimulando os alunos, quando estes caminham de forma exitosa no processo educativo tendem a se manter motivados a aprender cada vez mais

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Buscamos compreender como ocorre o planejamento e a avaliação das aulas, das atividades e o que tem sido feito para sanar as dificuldades dos alunos. Para coletar os dados utilizamos um questionário com cinco perguntas que nos forneceu outras questões, aplicado a cinco professoras do Ensino Fundamental I, com faixas etárias entre 32 a 37 anos e a mais velha entre 50 a 55 anos, cada uma com mais de cinco anos de experiência.

Em relação às aulas as docentes preparam-nas através de sequência didática, e uma delas acrescentou como planeja, “faço o PTD (Plano de Trabalho Docente) anual, 2º elaboro o esquema de conteúdos por bimestre” (PROFESSORA 3, 2019). Nesse sentido a aprendizagem só é efetivada quando o método adotado pelo professor funciona. A sequência didática é,

Um procedimento simples que compreende um conjunto de atividades conectadas entre si, e prescinde de um planejamento para delimitação de cada etapa e/ou atividade para trabalhar os conteúdos disciplinares de forma integrada para uma melhor dinâmica no processo ensino aprendizagem (OLIVEIRA, 2013, p.39).

Por meio desta abordagem o professor consegue identificar a interação dos alunos entre si, através do desempenho em cada etapa, pois existe mais autonomia, uma vez que há uma proposta de atividade em que cada um vai construir seu próprio material, a oralidade também é trabalhada. A aprendizagem precisa ser significativa de forma que o aluno faça uma releitura do que aprendeu.



A Tabela 1 apresenta os tipos de materiais que as professoras utilizam em suas aulas.

Tabela 1 – Materiais utilizados nas aulas

Tipos de materiais	Frequência	Percentual (%)
Atividades xerocadas, painéis ilustrativos, jogos e material reciclado	1	20
Caderno, livros, internet e louça	1	20
Diversos materiais e jogos	1	20
Diversos	2	40
Total	5	100

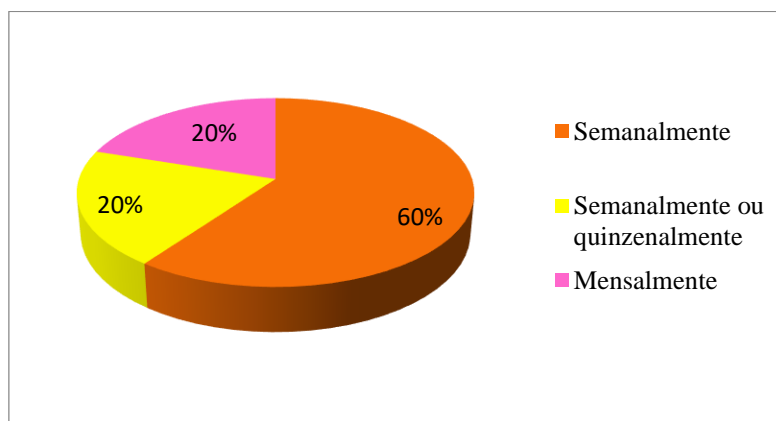
Fonte: Própria (2019).

Entre as categorias enumeradas percebemos que apesar da maioria utilizar de diversos recursos ainda há uma professora trabalhando na perspectiva tradicional, com caderno e lousa, uma vez que a internet é utilizada para reforçar os conteúdos dos livros. Entretanto, não são recursos que devem ser excluídos da prática docente, mas não devem ser os únicos, “a utilização de materiais diversificados, e cuidadosamente selecionados, ao invés da “centralização” em textos de livros é também um princípio facilitador da aprendizagem significativa crítica” (MOREIRA, 2011, p.229).

Desta forma por meio de diversos materiais são adquiridas novas experiências, sendo interessante que os alunos explorem os materiais, façam suas interpretações diante do que é exposto, dialoguem entre si, com o professor mediando o processo, e também é importante que haja desafios e que sejam motivadores. Determinados materiais são capazes de desenvolver habilidades específicas e promover a aprendizagem satisfatória.

No que tange a frequência do planejamento das aulas a mesma difere.

Gráfico 1 – Planejamento das aulas



Fonte: Própria (2019).

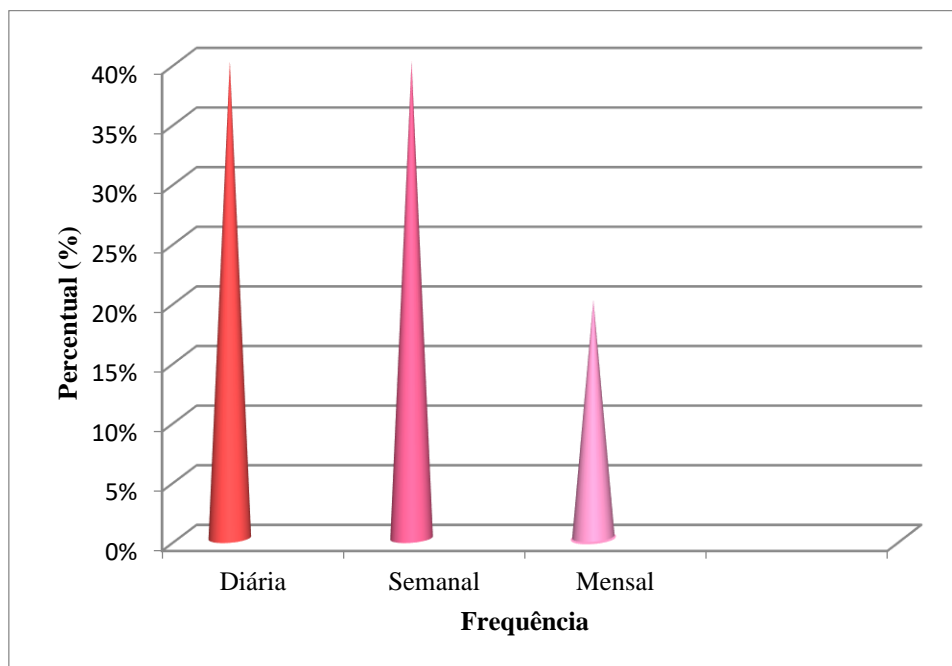


Como observado no gráfico acima há planejamento das aulas e apenas uma professora planeja mensalmente. O planejamento semanal permite avaliar melhor o que não deu certo, permitindo modificar os campos de insucesso na semana seguinte. Mesmo existindo planejamento ainda ocorrem imprevistos nas aulas, assim é inegável a importância do mesmo, porque sistematiza a sequência da aula oferecendo um suporte à prática. Na perspectiva de Piletti (2004) o planejamento é a tomada de atitude diante de um problema, nesse caso direcionado na condução dos alunos.

O planejamento é a forma de o professor selecionar o que o aluno precisa aprender, quando e de que forma, agregando valor e sentido a sua vida.

De acordo com as professoras a avaliação das aulas ocorre de forma contínua.

Gráfico 2 – Avaliação das aulas



Fonte: Própria (2019).

Uma das professoras que faz avaliação diária acrescenta, “como a turma que ensino é o 1º ano, avalio diariamente e a cada fim de bimestre para registrar no boletim” (PROFESSORA 3, 2019), observamos que há uma preocupação pelo fato de ser a turma inicial do ensino fundamental. E pelo reconhecimento que o progresso nessa série representa na vida do aluno. A docente que avalia mensal é a mesma que usa caderno e lousa como podemos ver na tabela 1. A avaliação mensal é um tanto perigosa, pois muita coisa que



poderia ter sido corrigida a curto prazo e tornado significativa se perde ao longo do caminho diante das lacunas do tempo.

A avaliação deve estar presente em toda prática pedagógica, em cada detalhe, não apenas na prova, “a avaliação pode ser caracterizada como uma forma deajuizamento da qualidade do objeto avaliado, fator que implica uma tomada de posição a respeito do mesmo, para aceitá-lo ou transformá-lo” (LUCKESI, 1995, p. 33). A avaliação não deve ser um fim em sim mesmo, mas precisa acompanhar todo o processo de aprendizagem a fim de ajudar aqueles alunos que apresentam mais dificuldades.

Na tabela abaixo observamos os critérios de avaliação das aulas apresentados pelas professoras.

Tabela 2 – Critérios de avaliação das aulas

Critérios	Frequência	Percentual (%)
Pelas tarefas	1	20
Aprendizagem	3	60
Aprendizagem, comportamento, participação e outros	1	20
Total	5	100

Fonte: Própria (2019).

A Professora 3, que faz a avaliação diária das aulas, é a mesma que analisa mais de um aspecto para verificar o êxito das aulas como vemos na Tabela 2. Avaliar as tarefas é importante, mas é insuficiente, é preciso ir mais além, investigar todo o conjunto que envolve o processo de aprendizagem na sala de aula.

Quando a aula é significativa o aluno participa, assim “a avaliação contínua é vista como acompanhamento da aprendizagem, identificando as conquistas, problemas e o desenvolvimento dos alunos” (HOFFMANN, 1993, p.23). Desta forma em relação à fala da Professora 3, a avaliação assume o caráter formativo. Possibilitando reconhecer as principais dificuldades da turma.

Em todas as turmas há alunos com dificuldades de aprendizagem como podemos ver nas tabelas abaixo.

Tabela 3 – Áreas que os alunos apresentam dificuldades

Áreas	Frequência	Percentual (%)
Linguagem	21	50
Linguagem e Matemática	21	50
Total	42	100

Fonte: Própria (2019).

Tabela 4 – Tipos de dificuldades apresentadas pelos alunos

Dificuldades	Frequência	Percentual (%)
Leitura	16	38,1
Leitura, identificação de números e quantidades	21	50
Leitura e escrita	5	11,9
Total	42	100

Fonte: Própria (2019).

Em todas as turmas há alunos com dificuldade em linguagem, especificamente em leitura, estão escrevendo, mas não estão decodificando. Segundo Freire (2000) a leitura do mundo antecede a leitura da palavra. A leitura ofertada na escola é diferente do que a criança ler em sua realidade e quando não faz sentido não há avanço. Isso implica dizer que estão chegando ao final do Ensino Fundamental I sem estarem letradas.

Conforme a Tabela 4, referente à leitura, identificação de números e quantidades, estão inclusos os alunos do primeiro ano da Professora 3, formada em Matemática, “[...] como a turma é numerosa com 34 alunos, tem 16 alunos com dificuldades” (PROFESSORA 3, 2019).

Quase metade da turma tem dificuldades nas aquisições básica do processo de letramento, este é o “resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita; o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais” (SOARES, 2009, p. 39). E o ensino de matemática está inserido nessa aquisição.

Em relação às dificuldades foi perguntado o tipo de atividades realizadas para ajudar os alunos.

Tabela 5 – Atividades realizadas para ajudar aos alunos

Atividades	Frequência	Percentual (%)
Atividades lúdicas	1	20
Nenhuma	1	20
Jogos, ditado doce	1	20
Programa mais alfabetização	1	20
Caderno de leitura, jogos e outros	1	20
Total	5	100

Fonte: Própria (2019).

A Professora que não realiza nenhuma atividade é a mesma que os seus alunos têm dificuldades em Linguagem e Matemática e relatou os motivos pelos quais não faz,



[...] a secretaria disponibiliza um psicopedagogo para dar assistência as escolas do município que em sua grande maioria sofre com o mesmo problema [...] para mim e outros colegas fica muito difícil oferecer ajuda aos que precisam com sala cheia. A própria escola através dos projetos que o governo manda deveria ter a preocupação de oferecer pelo menos aula de reforço em leitura (PROFESSORA 2, 2019).

Não se trata apenas de oferecer aula de reforço em leitura, mas em toda área que o aluno apresentar dificuldade. A Professora 4 que espera pelo Programa mais alfabetização é a formada em Biologia. Ambas disseram que não há motivação dos alunos durante as atividades, diante deste aspecto consideramos que “mobilizar-se, porém, é também engajar-se em uma atividade originada por móveis, porque existem, boas razões, para fazê-lo” (CHARLOT, 2000, p. 55).

O aluno também tem sua parcela de vontade em querer aprender, porque embora a aprendizagem seja responsabilidade do educando, o professor também tem seu papel de incentivar, fazendo algo que chame a atenção dos alunos de forma prazerosa.

Percebemos que as outras três professoras têm a preocupação em trazer atividades lúdicas e jogos, que são de extrema relevância na aquisição da aprendizagem e informaram que os alunos prestam bastante atenção e há progresso, como podemos observar em um dos relatos,

Para ajudar sempre apresento nas aulas materiais concretos, jogos ou materiais para facilitar a leitura [...] um exemplo de uma atividade diferenciada com a intenção de chamar a atenção dos alunos com dificuldade foi o “ditado doce”; os alunos participaram e gostaram bastante. Sempre trago para sala de aula materiais inovadores, pois tem alguns indisciplinados e é difícil trabalhar com um número excessivo de alunos, procuro inovar a cada dia (PROFESSORA 3, 2019).

Mesmo que seja difícil trabalhar com um número excessivo de alunos e estes sejam indisciplinados percebemos que a Professora 3 faz o possível para que os alunos aprendam, diferente da Professora 2, que já está na sala de aula há 28 anos.

Até que ponto a avaliação tem sido formativa para aquelas que dizem que avaliam as aulas? Se sabem que os alunos têm dificuldades e duas das professoras não fazem nada para promover um progresso, ficando a depender de terceiros que não reconhecem o verdadeiro perfil da turma, como no caso da Professora que espera pelo Programa mais Alfabetização como vemos na Tabela 5.

O planejamento e a avaliação são uma via de mão dupla, pois tanto orienta o processo quanto fornece dados para reorganiza-lo, embora haja lacunas por parte de algumas docentes em suas práticas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletimos acerca da importância da didática na atuação docente, buscando compreender seus mecanismos de ensino para a prática docente, por meio da figura do professor motivador, ressaltando o planejamento e a avaliação como aspectos primordiais na atividade da aprendizagem.

Destacamos que as professoras fazem o planejamento de suas aulas e utilizam de uma diversidade de recursos para subsidiar sua prática, enxergam as dificuldades dos alunos através da avaliação, mas compreendemos que ainda há muitos alunos com déficits de aprendizagem.

Algumas docentes agem por meio de suas experiências, sem maior aprofundamento na realidade dos alunos ou esforço para reorganizar o processo educativo, culpabilizando os educandos pela falta de interesse, quando na realidade o professor precisa criar a motivação.

Portanto, o processo de ensino-aprendizagem ainda é permeado de lacunas, embora as docentes reconheçam a importância do planejamento e da avaliação ainda há um certo distanciamento entre ambos os processos, retomando o objetivo do artigo compreendemos que a ausência de atitudes em torno do ato educativo causa impactos na aprendizagem. O professor que avalia é capaz de conhecer o perfil de sua turma, identificando os aspectos que precisam ser melhorados por meio de um novo planejamento, perceber as dificuldades dos alunos e não tentar solucioná-las significa romper com seu compromisso ético diante da educação.

REFERÊNCIAS

CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**: questões para a educação de hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FARIAS, I. M. S. *et al.* A organização do processo didático. **Didática e docência**: aprendendo a profissão. Brasília: Liber livro, 2009.

FREIRE, P. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 16ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.



- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. 4. ed. Campinas: Alínea, 2007.
- HOFFMANN, J. **Pontos e contrapostos: do pensar ao agir em avaliação**. 9ed. Porto Alegre, 2005.
- HOFFMANN, J. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2008.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- LUCKESI, C. C. **Avaliação Educacional: pressupostos conceituais**. Rio de Janeiro: Tecnologia Educacional, 1978.
- LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 2013.
- MIZUKAMI, M. da G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. 13ª edição. São Paulo: EPU, 2003.
- MOREIRA, M.A. **Teorias de Aprendizagens**. São Paulo: EPU, 2011.
- NÉRICI, I. G. **Didática geral dinâmica**. 10 ed. São Paulo: Atlas, 1987.
- NÉRICI, I. G. **Didática: uma introdução**. São Paulo: Atlas, 1993.
- OLIVEIRA, M. K. de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 2001.
- OLIVEIRA, M. M. **Sequência didática interativa no processo de formação de professores**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- PILETTI, C. **Didática geral**. 2a ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.
- SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.